



Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

30 de Janeiro de 1999 • Ano LV - N.º 1432
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Marketing

NO tempo de Natal, a correspondência é muita e a nossa atenção sofre de tantas limitações que, naturalmente, perdemos mensagens preciosas, como esta que se ia escapando também, não fora uma palavra tão prosaica — marketing — em que vários reparámos e nos levou a uma busca «a pente fino» para a reencontrar. É uma carta de um jovem casal, uma Ana e um Pedro, redigida por ela e assinada por ambos. Verdadeiramente dos dois, portanto. Ei-la:

«Ainda bem que não usam técnicas de Marketing para publicitarem os vossos livros. O conhecimento da existência deles acontece quando há algo no interior da pessoa que reclama, que busca, que pede Deus. Nada nos é imposto, ao contrário do que acontece com os milhares de produtos anunciados nos meios de comunicação que muitas vezes servem só para nos esvaziarem a alma, enchendo-nos os sentidos. A 'publicidade' de Deus é invisível e, por isso, mais profunda, porque vem do coração. Faz-se através da comunicação entre corações apaixonados por Deus.

Assim, gostaria que começassem a enviar O GAIATO para o lar do meu irmão e esposa, pois são duas pessoas que podem dar muitos frutos espirituais se se lançar boas sementes para o seu interior.

O mesmo acontece com uma amiga, à qual eu gostaria de oferecer o primeiro volume do *Doutrina*, do Padre Américo.

Como as vossas obras não têm preço (estranha forma de vendas!) junto envio um cheque que espero possa ajudar na vossa missão.

Muito obrigados por tudo.

Ana e Pedro

Em primeiro lugar quero dizer que não merecemos o agradecimento por «todo o bem que fazem a mim e ao meu marido», porquanto somos apenas colectores das «leituras tão maravilhosas e edificantes quer do Jornal, quer dos livros», que produzem esse bem. Só a Deus a honra e a acção de graças. É Ele que desperta em nós a paixão e nos constitui apaixonados. Por nós mesmos pertencemos ao reino da vulgaridade, de sentidos fáceis para se encherem do vazio que depois invade a alma. É Ele que actua directamente no coração dos homens e faz deles remadores contra a maré. A técnica dos que procuram chamar outros à paixão, consiste na diligência de os libertar do império dos sentidos que os impermeabiliza à acção directa de Deus. Então, é esse «algo no interior da pessoa que reclama, que busca, que pede Deus». E Ele não se faz rogado a quem Lhe manifesta o sentimento profundo do seu natural vazio e o reconhecimento de se ser vaso destinado à plenitude da

Continua na página 4



«O GAIATO é o nosso porta-voz» — dirá aquele que levanta o braço, no grupo escultórico.

Setúbal

CONTINUA o Natal a ser para os Pobres um tempo ansiado e libertador. É a experiência que o confirma e com ela termina toda a especulação.

Este tempo abençoado, lembrando o facto histórico de Deus se ter feito homem — Deus conosco — traz aos crentes e a todos os homens de boa vontade o desejo de partilhar os seus bens com os mais carenciados — como hoje se diz — os mais pobres.

Nós estamos neste nível social, por situação e por amor. Vivemos nele e nele educamos os nossos rapazes para que possam com dignidade sair dele.

É esta uma das condições que atrai o fluxo de donativos dos quais vou dar nota, resumidamente; mas há outra força e esta sim é estimulante: o carinho e a confiança que o povo deposita na Casa do Gaiato, no seu processo educativo para a formação de homens. De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

«Sabemos que, aqui, o dinheiro é bem empregue.»

Enquanto tanta gente se governa à custa do rapaz da rua e da luta contra a pobreza, promovendo protocolos e ganhando a vida fazendo nada, com papéis e decisões subestimando ainda o nosso trabalho, o povo que nos visita, nos conhece de perto, e observa o comportamento na vida dos homens daqui saídos, reage silenciosa mas eficazmente.

Bolos-rei da Câmara de Setúbal e dois cabazes de Natal do Governo Civil. De muitos lados vieram bolos-rei, doçaria com fartura. As confeitarias e pastelarias habituais não nos esquecem.

Alguém quis pôr a mesa de Natal: Leitões, perus, frangos, doces, fruta e muita bebida; uma mesa rica, como se expressava. Não faltaram as caixas de bacalhau nem os frangos crus para assar, que fomos consumindo. Os devotos cumprem os seus compromissos.

Continua na página 3

BENGUELA

Instrumentos de salvação

O «Matapalo» é um rapaz doente. Está conosco desde que reabrimos a Casa do Gaiato. Procurámos remédios e médico e não encontramos. É um doente do foro psíquico, vítima de um ataque de paludismo, ainda antes de

entrar em nossa Casa. Agora, temos que levar esta carga com o jeito de que somos capazes. É também uma ocasião para os outros rapazes mostrarem o seu amor para com ele. É preciso dar-lhe banho, levá-lo para o quarto e prestar-lhe outros serviços. Por vezes,

há situações complicadas. Acredito que algo mais se poderia fazer, se houvesse, ao menos, um médico ou algum especialista, habituado a este tipo de doenças, a quem pudéssemos recorrer. Mas, nesta zona, não há nada nem ninguém. Paciência!

Estou a falar do «Matapalo» porque vi, há dias, um gesto muito bonito do Matos para com

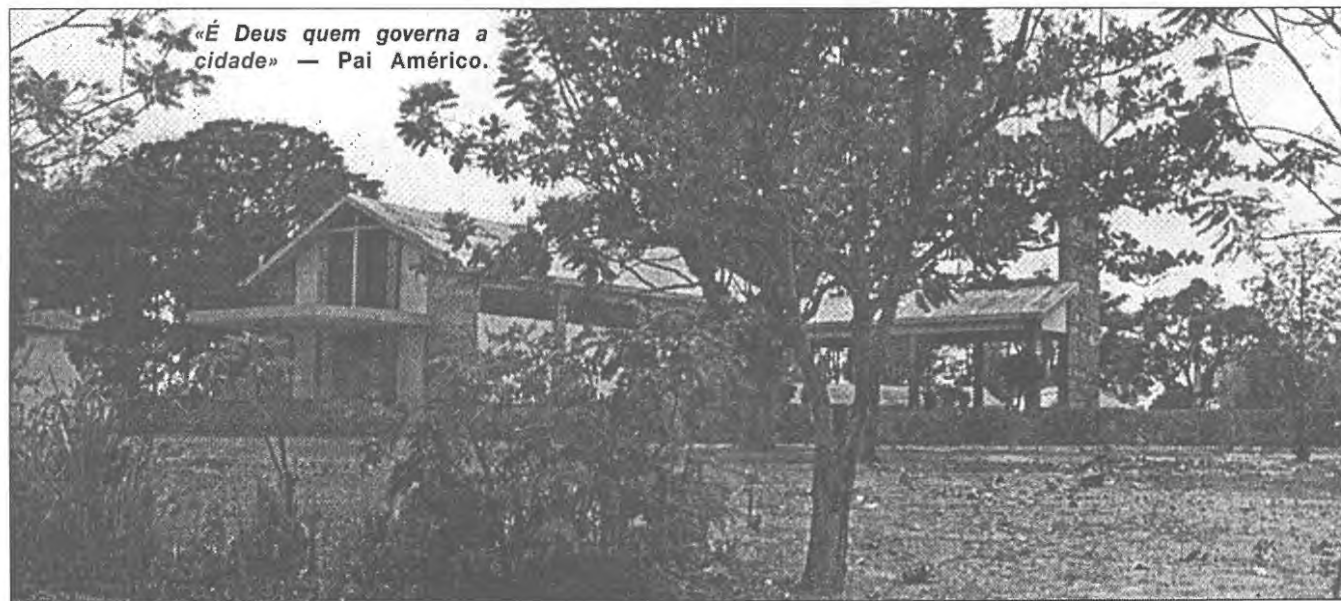
ele. O Matos é um pequeno. No fim da refeição do meio-dia passei fora do refeitório e dei com o Matos a dar de comer ao «Matapalo», com a paciência e carinho dum mais velho. O meu coração alegrou-se tanto como se se tratasse duma coisa rara e de alto valor. E é, na verdade, de alto valor.

A formação faz-se a partir da vida. Estes filhos não-de ser formados com a vida, assim o queremos. Quanta atenção nos é pedida!

Habitados a ouvir falar da guerra e da violência, os filhos deste povo estão marcados com o sinal menos. Quase todas as crianças de Angola, duma maneira ou de outra, receberam influência da guerra. E continuam a receber. A guerra voltou de forma declarada e de rara violência.

O nosso Natal foi precedido por uma torrente de pessoas, de mãos estendidas, a pedir socorro. Foi, na verdade, um cerco pacífico que nos levou a ver melhor qual o nosso lugar. A dureza da guerra não chegou a esta zona. Fizem-se sentir, porém, os seus efeitos.

Continua na página 3



«É Deus quem governa a cidade» — Pai Américo.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AINDA OS SEM-ABRIGO — Voltamos à temática dos sem-casa, dos sem-pão, de quantos vivem abaixo do limiar da pobreza, na Miséria. Nas cidades de todo o mundo há 600 milhões de Pobres, obrigados, passe o termo, a morarem sabe Deus como, nas mais importantes ou populosas. Grande parte vítimas de migrações.

Os responsáveis do poder autárquico já começaram a clamar a responsabilidade dos agentes privados e ONG (organizações não-governamentais) para, ao menos, se procurar minizar o problema. E, numa solução já em campo, por várias cidades italianas, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) exemplifica: «Entre as novas formas de financiamento, podemos citar a emissão de obrigações municipais».

(Noutro tempo, Pai Américo recomendava, sabiamente: — Cada freguesia cuide dos seus Pobres.)

Está já a ser reconhecido como fundamental «o envolvimento dos indivíduos e das associações, pois permite dar voz àqueles que não têm forma de chegar às instâncias mais altas, como servem também de difusores de informação junto dos Pobres, dando-lhes a conhecer decisões que os podem ajudar».

As cidades podem, ainda, desempenhar um papel catalizador na erradicação da miséria (não confundir com pobreza!) porque é nas urbes — responsáveis por 60% dos PIB nacionais — que a ligação público-privado tem mais terreno fértil.

Por isso, o presidente do município de Roma defende a seguinte opinião:

«No clima económico actual, é imperativo atacar as realidades complexas do desenvolvimento sob novos ângulos, des-centralizando a cooperação. (...) A situação planetária é de tal ordem que não nos podemos contentar em gerir o dia-a-dia. É necessário usar a imaginação e a criatividade.»

PARTILHA — O assinante 20909, de Leça da Palmeira, passou por nós e deixou 24 notas, quete da equipa dos seus companheiros de viagem.

Cinco mil, do assinante 35373, de Beja, que «pede desculpa de ser tão pouco, mas não é possível retirar mais do pequeno rendimento de reformado».

Póvoa de Santo Adrião: «Pequena migalha para o que for mais necessário e pelas melhores dos meus olhos». O Senhor Jesus escuta.

Dez mil, de «Uma portuense qualquer» presente com «a migalhinha relativa a Janeiro e Fevereiro». Há quantos anos!

A assinante 20623, de Vila Nova de Gaia, chama a atenção de que «a pequena quantia que resta, de suas contas em ordem, será destinada a alguma situação mais aflitiva de um Pobre».

Assinante 67738, de Meixomil, Paços de Ferreira, com mil escudos evocando «uma pequena estudante de quinze anos».

Dez mil, pela mão da assinante 65766, de Gondomar.

«Uma assinante de Paço de Arcos» presente com «a partilha de Agosto/Setembro/Outubro», «saudações fraternas e muita amizade», que retribuimos.

«Pequena ajuda» mensal do assinante 9790, ora em Perosinho, que ousa pedir «uma oração pela Paz em todo o Mundo, especialmente em Angola. E, assim, nasça uma nova terra onde se amem e entreatudem».

Outra, «pequeno donativo», da assinante 20631, Vila Nova de Gaia.

Dois mil, do assinante 18913, do Porto: «Não é preciso acusar, nem é preciso declaração para IRS».

Resto de contas, pela mão da assinante 26697, de Torres Vedras, «para ajudar a pagar uma conta da farmácia».

Assinante 6670, de Eirós — Quinchães, donativo «por alma do meu marido»:

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

ANO NOVO — Como é hábito, os rapazes que tiveram possibilidade foram passar o Ano Novo junto das famílias. Os outros, recompensados de outras maneiras.

No regresso, os que foram a casa mostravam saudades. Mas o que importa é que vieram bem e contentes.

AULAS — Decorre o segundo período de aulas. Esperamos que as notas do aproveitamento sejam razoáveis. E, não esqueçam: este é o maior período de aulas — e o mais importante.

FESTAS — Depois da Festa de Natal alguns rapazes já começaram a pensar nas Festas grandes. Desejamos, uma vez mais, ir junto dos nossos Amigos, mostrar o que valemos.

As nossas Festas implicam muito trabalho e material. Se os nossos Leitores tiverem algum material cénico que nos seja útil e no-lo queiram oferecer, aqui fica o nosso atempado muito obrigado.

✚ Para muitos é difícil acreditar, mas a verdade é que foi da **Vontade de Deus** chamar para junto de Si o nosso colega **Tiago Costa, com 14 anos, agora, na flor da idade. Uma perda e um peso muito grande para nós. Só nos resta desejar, ao nosso irmão, descanso eterno para a sua alma.**

Arnaldo Santos

SETÚBAL

DIA ESPECIAL — No dia 24 de Dezembro, o senhor Bispo de Setúbal passou o dia conosco.

Viu a nossa quinta, a vacaria, as camaratas, a casa-mãe, a lavandaria, a cozinha, a rouparia; e visitou ainda as escolas, as oficinas e o Lar. Também veio à nossa sala (1.º ciclo do Ensino Recorrente) e viu os nossos albuns de fotografias.

Ele é muito simpático e falou com todos os rapazes com muita atenção.

Almoçou e jantou com a gente no refeitório e celebrou Missa na Capela.

O senhor Bispo já viu a nossa Festa e gostou muito.

Ele é muito boa pessoa e nós gostamos muito dele. Foi um dia muito importante para

todos os gaiatos. Por isso, quando foi da Missa, nós até cantámos ainda melhor do que é costume, porque gostámos desta visita especial.

Amândio

FOMOS À EXPO'98 — Nós também fomos à EXPO'98, em três grupos, a convite da Embaixada de Angola, do Instituto da Juventude, da Escola e da Secil.

As visitas foram organizadas pela nossa Casa e pela Escola, nos dias 26 de Junho, 6 de Julho e 27 de Setembro.

Visitámos vários pavilhões: os de Angola, Madeira e Açores, e os da Água, do Futuro, de Portugal, do Conhecimento dos Mares e o Oceanário.

Regressámos muito cansados, quase noite, mas valeu a pena porque foi um prazer ver aquilo tudo.

Os do último grupo tiveram mais sorte. Ficaram até à meia-noite para ver o Aquamatrix. Espectacular!

Ficámos com pena de a EXPO ter acabado.

GADO — Comprámos dez vacas novas, já cobertas. Vieram de França e chegaram muito cansadas, com sede e com fome (foram logo direitas à pia e à manjedoura).

As vacas francesas são muito bonitas, mansinhas, fortes e dão bom leite.

Nós gostamos muito delas. Algumas já pariram. Deram sete bezerras e uma bezerra.

Mas tivemos muito azar porque duas pariram bezerrinhos mortos. Também já morreram duas vacas porque não pariram bem.

A malta ficou muito triste por as vacas e os bezerras terem morrido.

José António Vinagre

OPERAÇÃO — O Carlos Nascimento foi operado outra vez aos olhos.

Ele tinha-os muito tortos quando veio para cá.

A primeira operação foi no Hospital S. Bernardo, de Setúbal. Tinha 11 anos e ficou

RETALHOS DE VIDA

«Orelhas»



Sou o Joel André Leal Campos. Tenho treze anos e frequento o 3.º ano. Na Casa do Gaiato sou chamado por «Orelhas» e, nas horas vagas, boto a mão à lenha.

Vivia, em Setúbal, com a minha mãe e os irmãos. Primeiro, fui para a Casa do Gaiato de Setúbal porque me portava muito mal e faltava às aulas. Depois, fugi de lá e trouxeram-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde tenho muitos amigos.

Gosto desta família e, quando crescer, quero ser cozinheiro.

Joel Campos («Orelhas»)

muito melhor. A segunda, no Hospital Egas Moniz, em Lisboa.

Ele agora já tem os olhos bons e vê melhor, mas ainda precisa de óculos.

As duas operações foram feitas por médicos especialistas, amigos da nossa Casa.

Carlos Firmino

CAMPO DE FUTEBOL — A malta está a fazer grandes obras no campo.

Primeiro, fizemos os esgotos, ao lado do campo, para as águas sujas e as pluviais.

Os esgotos que passam por baixo do campo não desistem e continuam a levar águas sujas e o esterco das vacas.

Depois uma pista, do comprimento do campo, para os rapazes andarem nos skates, nos patins e nas bikes.

Agora, estamos a fazer um muro baixo à volta do campo, para ser todo vedado.

A seguir, uns balneários para os jogadores e uns jardins para o campo ficar mais bonito. Vai ser muita louco!

Filipe André

Direito!

Direito! Não vamos deixar Que proibam a nossa maneira De pensar e de estar... E abusem da nossa dignidade. Somos uma Casa com oliveiras... E vida em Liberdade!

Direito! Vamos triunfar A trabalhar e a cantar! Avancemos Pois somos uma Comunidade Com história na memória E a crescer para a Vitória!

Direito! Com as nossas mãos E os nossos corações De principiantes e amantes Vamos dar valor à razão Das nossas celebrações... E... a nossa vida futura Será melhor! Sem penumbra!

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Desejamos que hajam tido uma quadra de Natal cheia de saúde e 1999 seja um bom ano, cheio de paz para todo o Mundo.

Os nossos amigos mais desprotegidos, pelo menos tiveram um Natal doce e quente. Com a vossa ajuda receberam, de consoada, brinquedos e lambarices. Também conseguimos distribuir algumas roupas.

Agradecemos a todos os amigos que, ao longo do ano, ajudaram a Conferência com dinheiro e outras dádivas. Como a D. Lígia, D. Teresa, Afonso Amador e D. Judite, de Arouca.

Os melhores votos de muita saúde, alegria e um bem haja.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto



Setúbal

Continuação da página 1

Não menciono os mil, dois e três mil escudos que foram muitos. Enuncio somente os cinco mil, do Joaquim, do João, Idalina, José Luís, Aníbal, Maria Benedita, Cristina, José Fernando, João Carlos, Nuno, Domicília, Maria Irene. A Maria Eugénia transfere todos os meses pelo Banco a mesma quantia. Isabel, Maria de Fátima, Ana Maria, Guilhermina, Maria da Conceição, Maria Amélia, Lisete, Maria Teresa, Paulo, Maria Odete, Joaquim, Maria Vitória, Adília, Maria José, Maria do Rosário, Maria Amélia, Aydé, Campônês, Maria Fernanda, Alfredo, Ana Batista, Maria Manuela, Maria Irene, José, Luís, Victor, Maria Preciosa, Laura, Emília, Lígia, Maria Helena, Maria Antónia, Maria dos Reis, Maria Piedade, Ana Maria, Olímpia, Manuel, Cândido, Maria Henriqueta, Idália, Maria Helena, Maria e colegas, Jorge Faria, Maria de Lourdes, Maria Ilda, Sandra, Ricardina, Manuel, Aurélio.

Sete mil e quinhentos escudos da Maria Luciana e sete mil da Josefina, Maria José e Deolinda.

As empresas estiveram presentes: J.J. Torcato, de Palmela, 25 contos. Navigomes, 400. Rafael & Gomes, Lda., 100. Setimetal, 20. Mobisserra, 10. Chiron, 120. Setubauto, 20. Nónio Hiross, 750. Farmácia Pascoal, 120. Farmácia Teles, 100. Portucel, 150. Pissarra & Contreiras, 20. Ford Electrónica, 850. Cautus, 50. Um amigo sempre pontual na Páscoa e nesta época, 500 contos e cinquenta da sua esposa.

A Feira da Ladra, do Lion's Clube de Setúbal, 800.

Os gaiatos antigos com o seu mimo e a sua amizade deixaram 5, 10, 25, 50 e 200 contos. Que ninguém me leve a mal, mas são as dádivas que mais me consolam.

Assinaturas e donativos deixados no escritório das oficinas, 401.500\$00.

Trabalhadores da Portucel, 275.886\$00 mais 16.500\$00. Trabalhadores da Secil, 174.530\$00. É um fervor sempre viçoso que se renova de ano a ano.

Quinze contos de Manuel, Cerejo, Joana Paula, Eduarda, Armando, Maria de Lourdes, Carlos, Alcina, Maria José, Zulmira, Hermenegilda e António.

Dez, de Maria de Lourdes, António, Armela, Maria Olinda, Maria Gertrudes, Mariana, Joaquim, Maria Estrela, Maria Manuela, Aurora, Vicente, Teresa, Orlando, Palmira, Maria, Natividade, Anabela, Maria Telma, Maria Luísa, Filomena Emília, Armando, Esmeralda, Maria da Conceição, Maria Fernanda, Hernâni, Aureliano, Francisco, Maria Mimoso, M.M., do Porto, mensalmente. Iolanda, Alberto, José Filipe, Leontina, Maria Cristina.

Quarenta, da Beatriz e do Valentim.

Cinquenta, de Peter, Maria Vilze, Geneveva, Padre Jorge, João Carlos, Teresa Isabel, António Vasco, Santana, Armando, Ausenda, Victor, Maria, José, Manuel Júlio, António Jacinto, Maria Adelaide, Germana, Carlos Alberto, um capitão de Fragata e Artur.

Pela D. Quitas, do Montijo, e amiga, 275.000\$00 e muitos mimos.

Senhoras, de Sesimbra, que, em grupo, vêm, quinzenalmente, ajudar-nos — 15.000\$00 mais duas televi-

sões novas. O ofertório da Quinta das Torres rendeu 650 contos. A Igreja de Foros da Amora trouxe muita mercearia e 168.960\$00. A de Águas de Moura, 40.

Gente do Seixal, em peregrinação natalícia, deixou 186 contos. Irmãs de Colos mandaram 10. Irmãs do Campo 6. Igreja de S. Jorge e S. Paulo, cinquenta. Pároco de Monchique, 30. Paróquia da Quinta do Conde, 63.500\$00. Pela Província Portuguesa do Espírito Santo, 25.

Trinta, da Ofélia, Maria Inácia, Esposa dum Coronel e 250, do filho. Maria Filomena, Maria Palmira, Lucília, Salazar, Cristina e Maria Manuel.

A Maria Dulce enviou 60, o Luís, 120; o José Fernando, 200; e o Ananias trouxe 130. O João António, 750; e o padre Amorim, 60. Uma Arquitecta e seu marido visitaram-nos com 200. A Maria Manuela mandou 300. O Fernando Manuel fez um negócio e prometeu 10% à Casa do Gaiato — 10.000 contos.

Vinte, da Maria Luísa, Maria Angélica, Armando Nunes, todos os meses. Os «Manos», Lucinda, António, Ângela, Maria Rafaela, Fortunata, José, Amélia, Pedro, Maria, Maria José, Sérgio, Maria Eulália, Rosa, Maria Domáisia, Francisco, Família Virgolino, Maria do Céu e Rosa Palmira.

Cem, do Joaquim, António, Délio, Carlos Manuel, José e Arminda, um padre e sua família, da Maria de Jesus, Luís Filipe, António Carlos, Maria Manuela, Maria Antónia, Jacinta Maria e Maria José várias vezes ao longo do ano.

Cento e cinquenta, do António José, da Maria José, da Maria Helena e do José Carlos.

Vinte e cinco, do Cândido, Jorge, Centro Pai Nosso, Américo José, Margarida Maria Esperança.

Graças a Deus.

Padre Acílio

DOCTRINA



Não me atravesso nas portas para ganhar castelos

JÁ comeci a pedir na cidade do Porto; pedir de porta em porta, como quem leva no estômago a fome e no corpo os farrapos dos irmãos para quem se pede. Era meio da tarde, num dia da semana passada. O sol ardia — muito mais a chama que me consome. Disseram-me que no número 26 das Carmelitas havia de topar um senhor Conde de Vizela. Subi. Sente-se por detrás de quanto se vê, um organismo industrial onde há largueza, equilíbrio, bom gosto, orientação. Gostei. Premi um botão. Aparece um senhor. Digo o que pretendo. — Não; o senhor Conde não dá licença que o incomodem desde que entre no escritório; ora ele entrou neste instante. Compreendi. Já me fizeram na mesma em certo Banco da Capital. Ando afeito a tudo. Não me atravesso nas portas para ganhar castelos, como fez ao de Santarém um grande da História, mas ganho-os todos.

COMO o do Banco, em Lisboa, também este se rendeu. Sentei-me e declarei que por nada deste mundo dali sairia sem falar ao senhor Conde de Vizela. Não sei que mal deu no empregado, que logo me mandou entrar. «*Mete a espada na bainha, Pedro.*» Quem tirou a espada das mãos do Pescador deu-lhe outra para brandir, a qual não fere mas vence. Os soldados romanos que guardavam os Apóstolos nas prisões, por indesejáveis, acabavam por ser deles. Quem sabe se o senhor que me mandou embora, por indesejável, uão será hoje meu, de alma e coração? Tudo nas almas é silêncio e mistério.

ESTOU decidido a grandes coisas por amor da Criança abandonada; não tenho medo de ninguém. Tem sido um erro grave dos nossos avós, chamar praga à chusma dos garotos da rua e afastá-los por perigosos. Mais perigoso quem os afasta! Por muito que os consideres estranhos, eles são sempre património da Nação, fiadores da Humanidade, domésticos de Deus. Se hoje os afastas com desdém, procuram-te amanhã com ódio. A operação não é de eliminar, antes de assimilar. Não sei o que tenho nos olhos que os sinto rasos de lágrimas ao dar, nas ruas do Porto, com o matulão de cigarro e melenas, aos grupos. E a criança sem mãe a tomar a lição — desgraça deles e nossa. Nunca olhei para estes quadros sem parar de estremecer.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

Cartas

Acordar para um mundo diferente

O vosso *Jornal*, que acabo de ler, é um testemunho constante do que se pode fazer em prol das crianças abandonadas ou precisando de auxílio. No mundo materialista em que vivemos, rodeado só de egoísmos, somos levados a não saber olhar à nossa volta; olhamos, mas não

vemos; vivemos uma realidade ilusória e falsa, cheia de valores estropiados e invertidos. A verdadeira vida, a realidade autêntica está nessas crianças que ajudais a crescer e a serem homens amanhã.

O vosso *Jornal* é um acordar para um mundo diferente e real; é um olhar para o que cada um de nós com muito pouco pode fazer para ajudar; é, sobretudo, uma janela aberta sobre nós pró-

prios: a vida que levamos, as preocupações, os objectivos, os interesses, as despesas, os compromissos.

Que Deus vos abençoe e vos ajude a levar sempre mais longe a vossa *Obra* e O GAIATO seja o mensageiro que vai despertando consciências para algo mais do que a labuta do dia-a-dia.

Assinante 68500

Um mínimo de fraternidade

Porque é Natal e eu tenho trabalho e, conseqüentemente, vencimento e subsídio. Permita, com uma pequenina parte deste, alguma criança possa ter, como os meus filhos, Natal um pouquinho melhor — se houver um mínimo de fraternidade dos que, felizmente, recebem o seu salário.

Alberto

Saboreio

como quem reza

O GAIATO continua a ser, para mim, o milagre sempre renovado do amor que ele transmite e que saboreio como quem reza, há mais de cinquenta anos.

E o extraordinário é que na frescura e transparência das mensagens que ele me comunica quinzenalmente eu sinto palpitar bem vivos

o coração e a palavra de Pai Américo. Ainda num dos últimos números senti profundamente as preocupações e a tristeza que reconheci nas palavras do Padre Acílio.

Peço ao Senhor que continue a abençoar os Sacerdotes e Leigos que se entregam à *Obra da Rua* e para que se mantenham, sem desfalecimento (...); e o Menino Jesus coloque no vosso sapatinho novos Padres e Mães de Família para que a vossa cruz seja menos pesada.

Assinante 25768

Inquietação sacerdotal

Ao terminar o ano é tempo de dar graças e pedir perdão.

Junto um cheque. Primeiro é para 10 volumes «*Padre Américo-místico do nosso tempo*». O que for além disso, enviem para o Padre José Maria — Casa do Gaiato de Maputo. Estive lá em Novembro e fiquei deslumbrado com a sua *Obra*.

Escrevi sua sublinhada para significar que a *Obra* é de Deus — humanamente é impossível realizar o que eu vi.

Penso que daqui a uns tempos poderei dar mais uma «pedra» para a bonita capela que está construindo: é o corolário único para toda a Aldeia.

Desejo para todos vós um «99» com tudo o que de bom o Bom Deus tem para nos dar.

Assinante 14412

Benguela

Continuação da página 1

O meu pensamento vai para Malanje, duramente fustigada, onde bate o coração da *Obra da Rua*. Outras zonas de Angola estão debaixo do mesmo furacão.

Sempre pensei que o caminho da paz seria muito difícil. Que seria salpicado com sangue, como tem acontecido. Não pensei, contudo, que seria regado com torrentes de sangue, como está a acontecer.

Por tudo isto, o gesto do Matos para com o «Mata-palo» a dar-lhe de comer com paciência e carinho falou muito alto dentro de mim, a ponto de fazer eco junto de vós. É que a Rádio e a Televisão mostramos muito ódio, violência e destruição. A única resposta válida é continuar a amar e a semear esperança.

De repente, veio-me ao pensamento a imagem do pelicano que tira o seu sangue para o dar aos

filhos. É que estou a ver tanta gente agarrada e dependente da nossa Casa do Gaiato capaz de comer tudo o que tem! E não tem para onde ir. Que fazer? O sangue que corre nas veias da nossa vida é o mesmo que passa pelas vossas.

Enquanto escrevo estas notas vejo um grupo de pequenos, contentes, no meio do jardim com a Teresa, a arrancar as ervas daninhas. Corri a tirar-lhes uma fotografia, de surpresa, a cheirar a vida. Havemos de continuar a ser instrumentos de salvação no meio desta gente.

Padre Manuel António



Património dos Pobres

Esclarecimento

TODOS desejam habitação moderna e boa. É aspiração de quantos trabalham e são briosos.

Quando avistámos, ainda ao longe, aquele bairro novo, espalhado pela encosta do monte, ficámos maravilhados com a paisagem.

Fomos ali chamados por quase todos os habitantes que vieram a nossa Casa pedir ajuda para pagar a sua casa nova.

Vieram enganados, pois a ajuda do Património dos Pobres só pode ser dada àqueles que não têm capacidade de conseguir habitação capaz.

Foram seduzidos pelos donos de duas habitações que vieram procurar-nos com recomendação do pároco da freguesia respectiva a dizer da sua necessidade; levaram a nossa ajuda e comunicaram aos outros o bem que tinham recebido. Foi um rastilho que

pegou e ei-los a caminho de nossa Casa e regressando com a nossa resposta, depois de insistirem connosco a sua situação aflitiva.

Os habitantes do bairro são todos operários. Os maridos, empregados, com salários médios e a maior parte das esposas também empregadas. No fim do mês os ordenados fazem um montinho. Não dá para viver à grande e construir casa como muitas que atraem os olhos, mas dá para levar vida modesta e sujeitar-se a habitação mais humilde.

Verificámos que a maior parte daquelas habitações são levadas pelas Caixas e Bancos que oferecem muitas facilidades de pagamento; pelos projectistas que desejam a sua fama louvada; pelas autarquias que, por vezes, são pouco sensatas; e também pela vaidade de cada um. Todos estes factores poderão ter influência na solução.

NÃO foram só os habitantes daquele bairro e daquelas freguesias que vêm pedir a nossa ajuda. De toda aquela zona aparecem muitos outros nas mesmas circunstâncias. Regressam com o nosso não — sempre doloroso.

Gostaríamos de poder ajudar quem peça a nossa ajuda, mas temos de aceitar os nossos limites. Não somos poços sem fundo nem distribuidores de donativos. Somos família pobre e procuramos ajudar os Pobres.

Pai Américo deixou o seu testamento no auxílio que dava aos autoconstrutores. Só dava àqueles que, só por si, não tinham qualquer possibilidade de adquirir as suas habitações. A sua ajuda era o telhado. Com paredes levantadas e telhado em cima os acabamentos quase vinham por acréscimo.

Queremos continuar a seguir a norma que Pai Américo nos deixou.

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

Gestos fraternos

O Natal passou, entre nós, deixando o seu habitual rasto de partilha fraterna de tantos e tantos Amigos nossos que não quiseram ficar sem nos visitar, deixando o seu estímulo em palavras e gestos fraternos. É assim o verdadeiro Natal.

Destes, destacamos alguns, pois que, de todos, seria exaustivo falar. Talvez nem digamos algo dos mais significativos, por nos parecerem fortuitos ou insignificantes. É Deus, somente Ele, Quem sabe dar valor ao que se reparte e a quem reparte.

Ainda assim, arriscamos a trazer à luz alguns gestos

que nos sensibilizaram muito neste Natal.

Abrimos com o grupo de jovens de Semide. A bela mensagem do Auto de Natal representado na Praça Municipal. Mensagem representada ao vivo, com arte e com fé. Tem sido assim há alguns anos. Alguns dos nossos entram também no elenco. No final entregaram-nos 95 contos.

A Paróquia de Condeixa-a-Velha com 24.300\$00. Vários grupos de cristãos, de Soure. Um deles com 30.150\$00. Várias escolas secundárias com os seus professores e alunos. Trazem sempre alguma coisa:

roupa, mercearias, sapatos, brinquedos, etc. Assim, a Escola Secundária da Guia com 118 contos da sua campanha de Natal.

A Auto-Industrial de Coimbra com os 20 mil, da tradição. De Figueiró, bacalhau e presuntos, entre outros mimos. De Alcains, cinco queijos de marca reconhecida. Merecem destaque outros gestos. Desde que Deus salvou aquele bebé que seus pais julgavam perdido, o equivalente à despesa do baptizado, é para os meninos da Casa do Gaiato. É um gesto que se repete, há anos. O menino já anda por si! Dos lados de Ourém, outra família. Como é costume, notas e cheques. No final, os mais novos vão levar aos «Batatinhas», por suas próprias mãos, as prendas de Natal. Grandes lições de educação para a fraternidade. Agora, os jovens. Grupo de Simões — Soure

com 30 mil, roupas de todos os tamanhos, mercearias e calçado. Antigos gaiatos: O nosso Humberto com o saboroso e monumental bolo-rei, oferta que todos os anos repete. Só visto! O J.L. com 50 mil; e, com 60, o J.M.C. Assim, um sinal de reconhecimento à Casa de família que os criou. A Junta de Freguesia de Miranda do Corvo com a oferta dos tradicionais bolos-rei. Pastelarias de Coimbra e da Lousã, com idêntica oferta. Botas e sapatos, do 30 ao 40, oferecidos por Fausto Branco. Bacalhau, batata frita e outras mercearias, roupas, etc., de Albergaria (Açores e outras terras das redondezas). Muitos mimos ao seu e nosso menino Carlos, que, há alguns anos, ajudamos a criar.

Como de costume, o correio traz diariamente muitas cartas de perto e de longe. São cheques de 500 escudos, 1000, 5000, 10000, 20, 30 e, até, de 50 e 100 mil!

As voltas do Natal nem sempre nos deixam disponíveis para apreciar tanto gesto de carinho e amizade que, muitas vezes, até julga-

Marketing

Continuação da página 1

capacidade dada a cada um. Então Deus comunica-Se, revela-Se, dá-Se. E o homem parte do amargo do vazio para o sabor feliz dos Valores com que Deus o vai enchendo; caminha das suas trevas naturais para a Luz que lhe permite ir tendo luz (tal o perdido no fundo de um abismo que descobre lá em cima uma réstea que o motiva a subir), que o irá fazendo ser ele próprio luz — luz da Luz, mas nunca mais trevas.

«Nada nos é imposto» — é verdade! Tudo é convite. E felizes os convidados que o aceitam e se decidem pelo esforço que medeia entre agora e a posse plena do Bem a que foram chamados. Estes são os que adquiriram o sentido da vida: Vão crescendo no conhecimento de quem são, porque vieram e para onde vão. É maravilhoso o amor de Deus pelo Homem e o Seu respeito pela dignidade dele: «Nada nos é imposto»!

Pai Américo foi um apaixonado por Deus; e por Ele e com Ele, um apaixonado pelo Homem. Quem lhe reconhecer esta segunda paixão sem a primeira não o conhece. Por isso mesmo, o marketing que nos deixou é tão oposto ao do mundo. Este procura dourar a ferrugem, aliciar com o efêmero, apresentar como fácil a conquista do que vale. Renunciar, sacrificar são verbos proscritos. O mundo é mentiroso e joga com a fragilidade dos homens à fantasia, à ilusão. A Escritura afirma que «milícia é a vida do Homem sobre a terra». Milícia quer dizer luta. Luta não contra ninguém, mas cada um sobre si mesmo: vigilância e combate da tendência espontânea ao egoísmo. Sem esta não haverá vitória do Homem em si mesmo; jamais se alcançarão a Justiça e a Paz entre os homens.

Jesus é o «Príncipe da Paz», «deu-nos a Sua Paz». E para a possuímos, qual o princípio de marketing que deixou no Evangelho? — «Se alguém quiser vir após Mim, deixe bens, deixe afectos, deixe-se a si próprio, tome a sua cruz, todos os dias — e siga-Me.»

Forma mais contrária à do marketing do mundo não poderia achar-se, porque contraria a carne. Mas é a da Boa-Nova! É afirmação expressa de Jesus! E ainda assim quantos não foram os enamorados dela ao longo destes dois mil anos de era cristã — bendito seja Deus!

Pai Américo foi um deles. A Verdade contra a mentira; a Justiça contra todas as injustiças que o egoísmo gera; o Realismo contra a fantasia — são os Valores que nos deixou; a explicação do encantamento que o seu marketing, da espécie do do Evangelho, produziu e continua a produzir; e explicação, também, da eficácia da arma que deixou em nossas mãos para o combate, em que, por mercê de Deus e, certamente, da sua intercessão, permanecemos militantes.

Não nos deixe Deus cair na tentação de outras armas que o mundo reclama de mais evoluídas. Nem em toda a Sua Igreja, mesmo na área vocacional, penetre jamais a tentação de facilitar, de adoçar o sabor único e insubstituível da Cruz. O marketing do Evangelho é aquele que Jesus proferiu... para sempre.

E à Ana e ao Pedro, somos nós, sim, que ficamos muito obrigados pela oportunidade que nos deram.

Padre Carlos

mos nem merecer. E quantos não ficarão escondidos aos nossos olhos?! Mas Deus tudo conhece e sabe! Não deixará de, a todos, recompensar.

Campanha de assinaturas

PROSSEGUE a campanha de assinaturas. Muito gostaríamos que o nosso apelo fosse mais escutado. De Leiria ainda não chegaram tantas quanto o número de Amigos que ali sabemos haver. Vieram muitas da Covilhã graças

à intervenção de um grupo de Amigos nossos. De Alcains, foi decisiva a acção do Pároco. Idem, de Castelo Branco. Ainda assim para o número de jornais que ali se distribuía, estamos longe. De Proença-a-Nova e Sertão vão chegando assinaturas, um pouco a conta-gotas. Falta ainda alertar as gentes de Figueiró, Anadia, Mealhada e Cantanhede. De Coimbra têm chegado, também, muitas assinaturas. Em números, talvez neste momento ultrapassem as 1500. Ainda não é suficiente.

Padre João

PENSAMENTO

Toda a obra da Criação por ser de Deus é perfeita.

PAI AMÉRICO